



Boletim de D. António Barroso

Director: Amadeu Gomes de Araújo, Vice-Postulador
Propriedade: Associação "Grupo dos Amigos de D. António Barroso". NIPC 508 401 852
Administração e Redacção: Rua Luís de Camões, n.º 632, Arneiro | 2775-518 Carcavelos
Tlm.: 934 285 048 – E-mail: vicepostulador.antoniobarroso@gmail.com
Publicação trimestral | Assinatura anual: 5,00€

III Série

Ano III

N.º 7

Janeiro / Março de 2013

SENTIDO DA IGREJA E LIGAÇÃO AO PAPA

Uma das notas da solidez da fé de D. António Barroso é o seu sentido da Igreja como instituição de origem divina e o seu dedicado amor ao Papa. O encontro com o Papa Leão XIII, quando avançava para a Índia, deixou marcas na sua memória. Logo a 11 de Setembro de 1899 escreve uma carta ao Papa, com notícias da sua entrada na diocese e protestos de comunhão e humilde submissão. Doze cartas pastorais referem-se ao dinheiro de São Pedro. Praticamente todos os anos era escrita uma carta com esta finalidade. Aproveitava a ocasião para doutrinar sobre a missão do Papa e o valor do Primado.

Fundada, havia já vinte anos, pelo Cardeal D. Américo, esta obra consistia num tributo voluntário a favor do Papa.

Na carta pastoral de 1899, D. António escreve: «o Sumo Pontífice está pobre, sendo por isso indispensável que os fiéis de todo o mundo lhe mandem socorros para salvar a sua independência espiritual e habilitá-lo a sustentar o vastíssimo organismo da Igreja». Em 1870 o Papa tinha deixado de possuir os Estados Pontifícios e as dificuldades financeiras eram muitas.

O bispo missionário enaltece ainda o papel das missões, de onde chegara para assumir o governo da diocese do Porto.

Enaltece o esforço enorme, os sacrifícios passados, os penetrantes espinhos.

Colaborar com ofertas materiais para o Santo Padre Leão XIII era, como afirma, contribuir para a formação de operários para a vasta missão, adaptados às condições dos povos a evangelizar.

Assim define os missionários:

«São homens do sacrifício, que esquecendo-se de sua própria fraqueza, levando no coração o amor de Deus e do próximo, se dão em voluntário holocausto à mais nobre das ideias, à mais santa das causas.»

É uma vida que

«impõe sacrifícios pesados, contraria tradições e hábitos arraigados, senhoria o orgulho, refreia todas as tiranias, condena a vingança, prescreve o perdão das injúrias, exige o amor com os inimigos e, enfim, vê em cada homem a imagem e semelhança de Deus, o que mais custa a sofrer à vaidade humana.»

Na carta que o Papa Bento XV dirigiu ao Bispo do Porto por ocasião do Jubileu Episcopal, no dia 30 de Junho de 1916, aproveitou para elogiar a dedicação deste pastor que, vivendo pobre estava em comunhão vigilante e concreta com as dificuldades do Papa.

Bento XVI retira-se:

«O Senhor chama-me a “subir ao monte”, a dedicar-me ainda mais à oração e à meditação», afirmou no seu último Angelus, em 24-02-2013.

O cardeal Ravasi evocou, a propósito, a figura de Moisés, de braços abertos, sobre o monte, enquanto o povo combatia no vale.



Chega a Roma um Papa vindo do “fim do mundo”!

O Papa Francisco chegou da Argentina, com uma mensagem simples: o verdadeiro poder é servir os outros, com especial atenção aos pobres e fracos.



QUARESMA: «O jejum que me agrada é este: quebrar as cadeias injustas (...) repartir o teu pão com o pobre.» (Isaías, 58, 6-7)



A SOCIEDADE MISSIONÁRIA DA BOA NOVA QUE SUCEDEU AO COLÉGIO DAS MISSÕES ULTRAMARINAS, PROSSEGUE EM ANGOLA A ACÇÃO DAQUELE COLÉGIO, INICIADA PELO PADRE ANTÓNIO BARROSO



D. ANTÓNIO BARROSO NA VIDA E ACÇÃO DA SOCIEDADE MISSIONÁRIA DA BOA NOVA EM ANGOLA

Por Augusto Farias. Sociedade Missionária da Boa Nova. Angola

Depois de muitos convites feitos por D. Moisés Alves Pinho, então Arcebispo de Luanda, que nas visitas a Portugal passava por Cucujães a pedir para os Missionários da Sociedade Missionária virem para Angola, foi só com D. Manuel Nunes Gabriel, antigo aluno do Seminário de Cucujães, que se veio a concretizar este desejo no ano de 1970.

A vinda para a Angola dum Instituição Missionária de padres seculares dedicados à missão por toda a vida era a concretização dum sonho que D. António Barroso, missionário nas terras de S. Salvador do Congo sempre acalentou, embora nessa altura ainda não existisse a Sociedade Missionária da Boa Nova. Foi o grande sonhador dum Instituto Missionário Português de padres secu-

lares, como ele, que se dedicassem por toda a vida à obra missionária e o fizessem em comunidades apostólicas para a mútua ajuda, para a complementaridade na missão e para dar continuidade aos projectos iniciados.

Chegou a Salvador do Congo na companhia de mais dois companheiros a 13 de Fevereiro de 1881. Aí tudo foi preciso iniciar do nada desde as palhotas onde começaram a viver até à capela de pau a pique e capim para celebrarem. Como homem de grande visão humana, social e cristã deu-se conta de que o Evangelho é um anúncio transformador das pessoas e das suas vidas. Para tal é necessário que essa proclamação toque o coração do homem passando pela sua promoção a todos os níveis: escolar, profissional, catequético. Apercebeu-se desde a sua chegada que a primeira evangelização tinha sido muito débil e que era necessário usar novos métodos, como ele mesmo disse na Sociedade de Geografia em Lisboa: *“O cristianismo não penetrou a fundo, passou como as chuvas torrenciais que apenas humedecem a primeira camada deixando o subsolo ressequido e estéril...”*

Foi a partir da sua própria experiência de vida em equipa, ao contrário do que se fazia entre a generalidade dos Missionários de Cernache que viviam isolados, que se deu conta que era necessário um novo perfil de missionário: entrega à Missão por toda a vida e vivendo em pequenas comunidades para a mútua ajuda a todos os níveis: apoio espiritual e moral, ajuda no meio das carências inerentes à missão, garantia dum futuro sem preocupações de angariar meios de subsistência, complementaridade de saberes e de apti-

ções para a missão, e testemunho de vida eclesial em comunidade... mas mantendo a secularidade como forma de mobilidade para a vida missionária. Foi, portanto, com base na experiência concreta de missionário totalmente dedicado à missão que ele idealizou o perfil dum corporação missionária que se dedicasse exclusivamente a esta actividade de forma abrangente e com os meios ao seu dispor, procurando envolver os destinatários da missão no seu processo de desenvolvimento. Nessa mesma conferência ele traçou o perfil do missionário necessário para a Missão de Angola. Ele deve levar *“em uma das mãos a Cruz, símbolo augusto da paz e da fraterni-*



A presença dos Missionários da Boa Nova em Angola, iniciada há 43 anos, está tingida de sangue. Dois sofreram o martírio, outros dois foram raptados e vários tiveram de se esconder no meio de bombardeamentos e carregam ainda nos corpos e nas almas as marcas da guerra. Mas todos permaneceram no meio do povo.

Na foto, o Pe. Lima e os seus companheiros de martírio. No dia 3 de Fevereiro de 1982, o Pe. Manuel Armino de Lima foi emboscado e morto, juntamente com três acompanhantes.

dade dos povos, e na outra a enxada, símbolo do trabalho abençoado por Deus. Deve ser padre, artista, pai e mestre, doutor e homem da terra; deve tão depressa pôr a estola... como empunhar a picareta para arrotear uma courela de terreno; deve tão depressa fazer uma homilia, como pensar uma mão escangalhada pela explosão dum espingarda traiçoeira”.

Esta mística fez sempre parte da praxis da Sociedade Missionária da Boa Nova desde a sua fundação. Diríamos, é o seu ADN, a sua forma de ser que os primeiros formadores procuraram inculcar na alma e na vida dos futuros membros da Sociedade. Embora, em contextos muito diferentes, foram essas as linhas orientadoras que sempre nortearam os programas e as actividades dos membros da Sociedade em Angola.

Continua na página 4



Grupo da Sociedade Missionária da Boa Nova, com o Pe. Augusto Farias, no ano da independência de Angola

A FIGURA DE DOM ANTÓNIO BARROSO, HOJE, EM MBANZA CONGO



POR D. Vicente Carlos Kiaziku, Bispo da diocese de Mbanza Congo, em Angola

Sob o olhar silencioso do seu fundador, os cristãos da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, apresentam as suas rezas à Virgem Mãe.

No quintal da residência paroquial da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição na cidade de Mbanza Congo (Angola), encontra-se desde há muito, um busto de Dom António Barroso, fundador desta Paróquia.

Um busto imponente a representar



a grande fibra deste clássico missionário que evangeliza até com o seu semblante barbudo.

Ao lado e muito pertinho do busto, foi

construída de recente uma grutinha em honra de Nossa Senhora, onde diariamente, muitos cristãos individualmente ou em grupo, costumam rezar o terço e outras orações, apresentando assim as suas preces ou agradecimentos ao Senhor pelas graças recebidas ou rogadas por intercessão da Virgem Mãe.

É assim que o Bispo António Barroso com e sob o seu olhar silencioso e intercessor, acompanha as orações daqueles



Em cima, imagem do início do séc. XX, da Igreja da Missão de S. Salvador do Congo, da iniciativa do missionário António Barroso. Em baixo, Igreja paroquial actual. É também Sé Catedral da jovem Diocese de Mbanza Congo, fundada em 1984. Dirigida por D. Vicente, desde 2009.

que hoje também são fruto da sua acção evangelizadora, pois o Evangelho de Cristo anunciado por ele e acolhido com fé pelas populações de outrora, graças a Deus, foi dando frutos e foi transmitido de geração em geração até aos nossos dias.

Mas será que passadas várias décadas da presença de Dom António Barroso continua vivo na memória colectiva dos cristãos da nossa Paróquia? A resposta é positiva. Aqueles que se aproximam para encontrarem a Virgem, acabam por se encontrarem com ele e interrogam-se sobre a sua pessoa recebendo pelo menos a resposta mais fácil se bem que incompleta: Ele é o fundador da nossa Paróquia! Incompleta por que ele não foi só “o fundador”,

mas um grande evangelizador em todas as vertentes. Ele foi enviado para restaurar a Igreja abandonada nas terras de S. Salvador do Congo. Mas confesso que deveríamos



Na frente da residência paroquial que é também “paço” episcopal sobressai uma pintura recente de D. António Barroso. O trabalho é de um pintor congolês.

difundir e recordar a figura deste grande missionário com mais ânimo. Quiçá? Constituir mesmo um dia para o comemorarmos e divulgar a sua vida, etc., etc. Dele ainda conservamos alguns dos seus preciosos manuscritos que são uma verdadeira relíquia a conservar e a valorizar.

Este é um desafio para nós e espero como Bispo desta Diocese, encontrar a médio prazo respostas ad hoc porque este homem merece!

Pedimos a Deus por intercessão deste nosso Pai na fé a graça de sermos fiéis ao Evangelho de Cristo e a graça de vermos o nosso grande missionário António Barroso subir quanto antes às honras dos altares. Estamos muito agradecidos para com aqueles que trabalham pela sua causa de beatificação.

Permitam-me que aplique a este gigante da evangelização a frase de Isaías: Que formosos são, sobre os montes, os pés do mensageiro que anuncia a paz, que traz a boa nova, que apregoa a vitória! Que diz a Sião: o teu Deus é Rei (Is. 52,7).





Uma celebração no interior

Chegámos a esta terra e logo destinados pelo Arcebispo de Luanda ao Kuanza Sul. Na área de Luanda ficaria uma comunidade liderada pelo P. Albano Mendes Pedro, o primeiro missionário a chegar a Angola, para servir de apoio e acolhimento aos membros de passagem. Ficou colocada na Vila de Viana, zona industrial a nascer, onde tudo estava por fazer. Havia uma bonita Igreja onde alguns brancos iam ao domingo à missa. Por parte do povo local havia uma certa indiferença religiosa devido à opressão colonial com que identificavam a Igreja. Com a independência nacional ficou-se num grande vazio e quase num deserto espiritual. Foi um trabalho muito lento de contacto humano, porta a porta, de promoção social, particularmente o atendimento na área da saúde, apoio na agricultura, leitura e meditação da Palavra de Deus nos quintais. Tudo começou do nada. Foi a partir dos primeiros evangelizados, também eles empenhados pela missão, organizados em equipas missionárias que se lançou um bom catecumenado que pouco a pouco se foi alargando em todo o enorme espaço da Paróquia que abrangia quase metade da actual diocese de Viana. A atenção aos seus problemas humanos e sociais que passava pela aquisição de terras para cultivo nas margens do Kuanza até à defesa dos direitos humanos criou uma plataforma de acolhimento ao evangelho que fez desta terra árida e sáfara religiosamente uma comunidade viva e empenhada na vivência da sua fé como hoje existe.

O Kuanza Sul foi durante mais de duas décadas o centro de trabalho da maior parte dos membros da Sociedade em Angola. Começámos no interior, na Missão do Dumbi em 1971 e no Seles no ano seguinte.

A primeira aposta foi a formação de responsáveis a vários níveis: catequistas, professores, enfermeiros, mulheres, artesãos. Foi através dessas pessoas que conseguimos uma presença humana e cristã mesmo nos lugares mais recônditos dessas missões mais extensas que qualquer diocese de Portugal. Todas essas longínquas áreas eram por nós visitadas mais que uma vez por ano onde ficávamos

alguns dias com o povo para acompanhar o crescimento dos catecúmenos, o andamento das catequese, o aproveitamento escolar, a organização e higiene nas aldeias, o abastecimento de água às comunidades, a melhoria das habitações, a organização da economia doméstica a partir dos recursos agrícolas, métodos de comercialização... enfim, todo um trabalho que envolvia os diversos aspectos da vida. Foi importante a acção das comunidades religiosas femininas nas duas missões que sempre nos acompanharam sobretudo na formação das mulheres e na formação desses agentes. Era uma actividade abrangente que sempre procurou implicar as pessoas na sua própria promoção e desenvolvimento. Foi um trabalho lento por falta de recursos vindos de fora, mas profundo porque envolveu as comunidades com os seus meios na edificação



Missionários da Boa Nova actualmente em actividade em Angola

dessas estruturas. Esse envolvimento veio a dar óptimos resultados no período difícil da independência onde os cristãos defenderam as estruturas porque foram por eles construídas, e posteriormente no processo de autossustentabilidade da sua Igreja. Amadureceu a ideia: a Igreja somos nós.

Uma preocupação permanente que sempre nos orientou foi organizar uma pastoral inovadora e não apenas repetitiva e ritualista. Foi nesse sentido que envolvemos os agentes locais para nos ajudarem a fazer uma verdadeira inculturação da fé de modo a assumir os valores culturais como lugar da encarnação do evangelho. Foi a partir desta preocupação que, em conjunto com o bispo diocesano do Sumbe, demos início e dinamizámos uma das estruturas pastorais mais inovadoras na Igreja de Angola com o lançamento do chamado “Ondjango”. O Ondjango era uma espécie de parlamento local onde eram tomadas pelos responsáveis da comunidade todas as decisões acerca da sua vida. Através desta organização pastoral criou-se uma grande dinâmica de corresponsabilidade por parte de todos os membros da comunidade que deste modo se sentia vinculada ao andamento da vida cristã e onde se distribuíam os diversos ministérios. Esta estrutura pastoral começava na base, desde a pequena aldeia, e ia até ao conselho pastoral diocesano que era o grande “ondjango” do bispo. Era uma corresponsabilidade que nascia da base e ia até ao topo e que gerou nas comunidades uma grande consciência de pertença à Igreja de Jesus.

Quando chegámos a Angola quase toda a escolaridade da área rural estava nas mãos da Igreja. Por isso a nossa preocupação era colocar uma escola em cada aldeia e sobretudo formar professores capazes de educar essas crianças. Embora pagos pelo estado eram por nós apresentados e nos quais investíamos com uma formação permanente de modo a que pudessem educar as crianças em todas as suas dimensões. Fizeram um trabalho excelente que ainda hoje se nota. Com a independência tudo foi assumido pelo estado. Só muito mais tarde, depois do governo se ter apercebido do erro, recomeçou o trabalho de orientação escolar e assistência sanitária por parte da Igreja. Hoje são diferentes os desafios na área da educação. Em todas as nossas Paróquias dedicamos uma particular atenção à educação das crianças e jovens. Nalgumas existem escolas com

milhares de alunos. Noutras temos escolas de formação profissional de informática, contabilidade, línguas, bibliotecas e até um centro universitário. Para cada época é necessário encontrar respostas adequadas às necessidades das pessoas.

Continua no próximo Boletim

AMIGOS DE D. ANTÓNIO BARROSO EM ACÇÃO



VEM AÍ O CENTENÁRIO...

Joaquim Candeias da Silva*

Aproximam-se, no decurso dos próximos cinco anos, algumas efemérides de grande relevância e que terão seguramente alto impacto em Portugal. No plano estritamente interno, prosseguirão as evocações centenares relacionadas com o avanço titubeante do regime republicano; no plano externo, tudo o que se relaciona com a 1.ª Grande Guerra (1914-1918), em que o país também se envolveu. Pelo meio, irão surgindo as comemorações igualmente centenares de mais eventos marcantes na vida nacional, como foram a ascensão e queda do Sidonismo, as Aparições de Fátima, a Beatificação de Nun'Álvares, entre outros.

Mas, de entre todos eles, advirá um que nos diz respeito, a nós Amigos de D. António Barroso, e que justamente irá envolver muitas instituições e diversos sectores da sociedade portuguesa: trata-se – como é bem de ver e todos os amigos leitores estarão já a pensar – do **1.º Centenário da Morte do nosso Patrono**, por cuja causa de canonização vimos lutando. Não falta muito. Apenas cinco anos, que se cumprem no último dia de Agosto de 1918. E cinco anos, em termos de planeamento, podemos dizer que é quase... amanhã. Porque nestas matérias não se pode improvisar, de um dia ou mesmo de um ano para o outro.

Penso que nunca será demais realçar a importância deste tipo de evocações. Não é que comemorar, só por si, seja importante, porque ninguém vive de passados. Mas podemos, sim, aproveitar deles, como lição, como herança cultural para a construção do hoje e do amanhã. Isto com método e critério, tendo sempre presente – conforme ensinava há muitos anos Magalhães Godinho – que «os aniversários e centenários só podem ser úteis se constituírem ensejo para estudar problemas, meditar directrizes, criticar certezas dogmáticas; caso contrário mumificam os vivos sem ressuscitar os mortos», podendo até “impedir que o presente se transforme em futuro».

Pois bem, celebrar a memória de D. Antó-

nio Barroso por ocasião desse seu centenário pode, de facto, ser muito útil por esses ensejos e muitos mais. Importa é que atempadamente se tracem planos e definam estratégias, de acordo com os recursos disponíveis ou calculáveis. Assim à partida, é de prever que possam ser envolvidos a Igreja (com a diocese do Porto à cabeça), a Sociedade Missionária da Boa Nova, as freguesias, vilas, cidades e concelhos que lhe estão mais ligados e onde a sua acção mais se fez sentir. Mas, estou convicto de que o director deste Boletim e vice-postulador, bem como outros responsáveis da causa, já estarão a pensar em tudo isso, mormente na constituição de uma equipa pluridisciplinar para explorar meios e caminhos, a fim de que nada falhe.

O que aqui deixo é apenas uma reflexão menor, uma a juntar a outras que já vieram em números anteriores desta publicação. Recordo, por exemplo a de Manuel Vilas Boas, vice-presidente da Associação *Grupo dos Amigos de D. António*, referente ao lançamento de um novo Congresso Missionário [n.º 5, de 2012], grande fórum nacional que seria uma reedição dos dois anteriores do género (de 1931 e 1954 – o primeiro em Barcelos de homenagem a D. António e o segundo a propósito do centenário de nascimento do mesmo prelado), os quais contaram com a presença do Cardeal Patriarca de Lisboa e que tão elevado sucesso alcançaram. Excelente ideia.

Uma outra muito válida, sem indicação de autoria, veio no n.º 4 (de Janeiro / Março de 2012) e propunha que, sob a égide do Missionário Barroso e em homenagem às centenas de missionários que de Cernache do Bonjardim partiram para o mundo, com o apoio do Seminário local, da Junta de Freguesia e da Câmara Municipal da Sertã, se promovesse a inauguração em 2018 de uma peça escultórica defronte do Seminário que lembrasse à posteridade o que



Monumento a D. António Barroso em Barcelos, inaugurado aquando do Congresso Missionário de 1931.

foi aquela instituição. Será de certeza outra excelente iniciativa, a juntar a outras ali já concretizadas e das quais se pode dizer que ajudaram a promover Cernache à categoria de capital da Missionação em Portugal.



Pequena placa-memória de homenagem a D. António, à entrada da igreja do Seminário de Cernache (onde ele se formou e donde saiu missionário), tendo ao lado o Rev.º Pe. Manuel Castro Afonso. Foi inaugurada a 11.11.2012.

Mas, haverá outras ideias a germinar e a colocar à reflexão do grupo de trabalho que for encarregado de preparar as comemorações do Centenário. Permitam-me que avance com mais dois ou três tópicos de sugestões possíveis:

- lançamento de uma espécie de antologia de textos de D. António, com base em trabalhos por ele publicados (artigos em jornais, revistas e boletins, relatórios de viagens e de acções de missionação, conferências / comunicações à Sociedade de Geografia);

- uma nova e ampla fotobiografia, bem documentada, como síntese dos muitos artigos, comunicações e investigações que ultimamente têm vindo a ser publicados sobre ele;

- enfim, um conjunto diversificado de actividades, como palestras ao longo do ano (em locais significativos), exposições (fixas e/ou itinerantes), concursos escolares (em textos e artes plásticas), jogos florais, romagens, uma edição filatélica e outra medalhística, etc....

Como figura gigantesca que foi no seu tempo (um dos maiores missionários da história de Portugal), que o continua a ser para os seus fiéis devotos, e que esperamos venha a sê-lo ainda mais nos altares, D. António Barroso é merecedor das nossas homenagens e das de todos os portugueses.

* Doutor em Letras (História), professor aposentado, historiador

AS VIRTUDES HERÓICAS DO BISPO MISSIONÁRIO SÃO RECONHECIDAS POR QUANTOS VISITAM O SEU TÚMULO EM REMELHE

MODELO MISSIONÁRIO

D. António Barroso definia assim os missionários: «São homens do sacrifício, que esquecendo-se de sua própria fraqueza, levando no coração o amor de Deus e do próximo, se dão em voluntário holocausto à mais nobre das ideias, à mais santa das causas.» E acrescentava: é uma vida que «impõe sacrifícios pesados, contraria tradições e hábitos arraigados, senhoria o orgulho, refreia todas as tiranias, condena a vingança, prescreve o perdão das injúrias, exige o amor com os inimigos e, enfim, vê em cada homem a imagem e semelhança de Deus, o que mais custa a sofrer à vaidade humana».

Tal era a sua experiência de vida missionária, como testemunham muitos dos que o visitam em Remelhe na capela-jazigo onde repousa. São muitos os que o apontam como missionário modelo e o enaltecem pela abnegação, pelo heroísmo, pela virtude, pela santidade da vida exemplar.

Dentre os testemunhos, recordamos uma declaração do Padre Manuel Castro Afonso, Superior Geral da Sociedade Missionária da Boa Nova, quando foi introduzido o processo de Beatificação e Cananização: «Entre os membros desta Instituição, devido à orientação espiritual que nos foi dada por pessoas que conheceram o Bispo D. António Barroso, ele ficou sempre para nós como modelo de missionário... que a Igreja devia beatificar e canonizar. Estamos ligados a essa ideia desde sempre.»

AS VISITAS AO TÚMULO



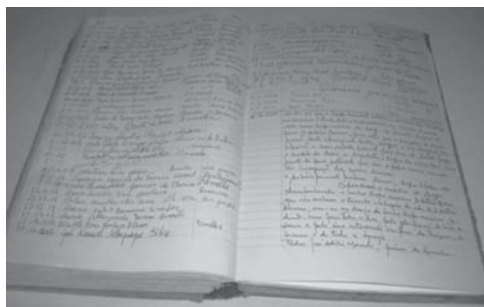
O livro de visitas que regista a presença e os sentimentos expressos por muitos dos que se abeiram de D. António no seu túmulo em Remelhe, apresenta inúmeros testemunhos de reconhecimento das suas virtudes e de agradecimento por favores recebidos. Entre os fiéis, devotos ou admiradores, que nos últimos tempos visitaram D. António, registámos o de D. António Manuel Moiteiro Ramos, natural do concelho de Penamacor, Castelo Branco, nomeado bispo titular de Cabarsussi e auxiliar de Braga, em 08/06/2012. Na visita que efectuou, em 06/02/2013, escreveu: «No dia em que a Igreja Universal celebra a memória dos mártires missionários S. Paulo Miki e Companheiros, na minha

primeira visita como bispo auxiliar de Braga ao túmulo do Servo de Deus D. António Barroso, faço votos que o processo de Beatificação deste admirável pastor chegue à tão desejada Beatificação o mais rápido possível, para bem da Santa Igreja e modelo de



todos os sacerdotes e bispos do nosso país. Que junto de Deus interceda por nós e pelas novas vocações de consagração das nossas dioceses».

No número anterior já registámos as visitas de D. Carlos Filipe Ximenes Belo e de D. Manuel da Silva Martins.



O REI DO CONGO, D. PEDRO VII, E D. ANTÓNIO BARROSO

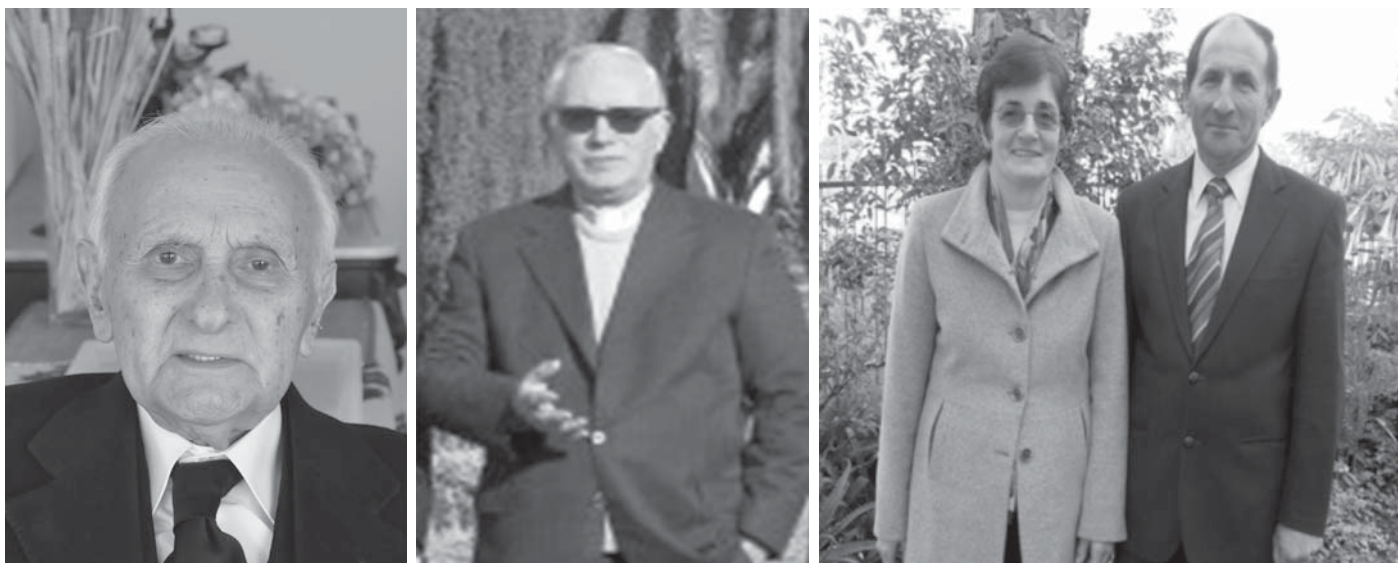
O *Journal de Notícias* de 30/09/1940 regista uma visita que o rei do Congo, D. Pedro VII, então efectuou ao Porto, onde foi alvo de calorosa recepção. Segundo o repórter, «o acolhimento afectuosíssimo que os portugueses lhe dispensaram, na estação de S. Bento, emocionara-o profundamente, e a visita à Exposição Etnográfica e à Feira das Colheitas interessara-o sobremaneira».

Abordado pelo jornalista, D. Pedro VII acentuou o veemente desejo de se ajoelhar junto da sepultura de D. António Barroso, pois **«a memória do grande missionário jamais se apagará em terras do Congo; fala-se dele em toda a parte, a propósito de tudo; e os mais sagrados dos juramentos continuam a ser feitos no Congo, “em nome de Deus e de D. António Barroso».**



Os reis do Congo, D. Pedro VII e D. Isabel. Mbanza Congo, 1944

FLORES PARA OS AMIGOS DE D. ANTÓNIO



Dr. José Ferreira Gomes e Pe. Manuel Castro Afonso. O primeiro passo do “Movimento Pró-Canonização de D. António Barroso» foi dado em 23 de Outubro de 1991, na sede da Sociedade Missionária, em Lisboa, num encontro entre o Pe. Manuel Castro Afonso, então Superior Geral dos Missionários da Boa Nova, e o Dr. José Ferreira Gomes, advogado da praça de Lisboa, que viria a ser nomeado Vice- Postulador da Causa. Flores para os promotores da iniciativa!

D.ª Maria Magalhães Senra e Sr. Manuel Augusto Miranda Senra, da Casa da Fonte, em Remelhe, estão ligados, por laços familiares directos, a António José Senra (1818/1864), padrinho de Baptismo de D. António Barroso.

É notável o empenho com que acompanham a Causa da Beatificação e como colaboram na angariação de meios para manter o *Boletim de D. António Barroso*. Recebem e distribuem 135 exemplares, e, anualmente, arrecadam e enviam o dinheiro correspondente. Dedicção e trabalho! Flores para eles!

O Núcleo de Barcelos do Grupo dos Amigos de D. António Barroso efectuou uma visita a dois *Amigos especiais*: **Senhora D.ª Maria Amélia Silva Torres e Senhor Cândido Alberto Martins Lopes.** Foram estes dois dinâmicos apoiantes da Causa da Canonização de D. António Barroso, hoje alquebrados pela idade e pela doença, que assumiram organizar uma romagem anual à capela-jazigo em Remelhe, no primeiro domingo de Setembro, para celebrar a morte de D. António, no dia 31 de Agosto de 1918. Iniciadas em 1963 e interrompidas em 1972, as romagens foram por eles retomadas em 1980, até hoje, e envolvem já mais de meio milhar de participantes. Bem-hajam pela iniciativa, pela dedicação e pela fé! Um ramo de flores para a D.ª Maria e para o Sr. Cândido!



“Aparelhei o barco da ilusão
E reforcei a fé de marinheiro.
Era longe o meu sonho, e traiçoeiro
O mar...
(só nos é concedida
Esta vida
Que temos;
E é nela que é preciso
Procurar
O velho paraíso
Que perdemos).
Prestes, larguei a vela
E disse adeus ao cais, à paz tolhida.
Desmedida,
A revolta imensidão
Transforma dia a dia a embarcação
Numa errante e alada sepultura...
Mas corto as ondas sem desanimar.
Em qualquer aventura,
O que importa é partir, não é chegar”.

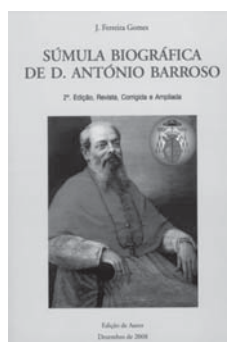
Miguel Torga



**ANO DA FÉ 2012
2013**

**VAMOS
“IÇAR
AS VELAS
DA NOSSA FÉ...
NA BARCA
DA IGREJA”,
A EXEMPLO
DE D. ANTÓNIO
BARROSO!**

D. Vicente Carlos Kiaziku, bispo da diocese de Mbanza Congo que integra as missões criadas por D. António Barroso, numa comunicação que nos enviou, manifestou interesse em divulgar entre os cristãos da sua Diocese, a vida do grande bispo missionário. Propõe-se «difundir e recordar a sua figura» e «constituir mesmo um dia para o comemorarmos e divulgarmos a sua vida». Para isso, pede que lhe enviemos uma breve biografia para distribuir.



A Súmula Biográfica de D. António Barroso, da autoria do Dr. José Ferreira Gomes, seria preciosa, para o efeito, mas a 2.ª edição desta interessante publicação, com 160 páginas, está esgotada. O melhor orçamento para uma nova edição, de 1000 exemplares, foi-nos apresentado pela SIG, de Camarate (1.494,00 € + IVA = 1.589,00 €).

Infelizmente não dispomos de dinheiro para esta iniciativa, e resta-nos apelar à generosidade de quem nos possa ajudar a pagar esta despesa. Atrevemo-nos, assim, a rogar o apoio de todos os Amigos, nomeadamente do autor da obra, Dr. José Ferreira Gomes e familiares. Se conseguirmos assegurar a impressão, propomo-nos arcar com as despesas do transporte para Angola.



**VAMOS
TENTAR
RESPONDER AO
APELO DE
D. VICENTE
CARLOS KIAZIKU,
BISPO DE MBANZA
CONGO,
EM ANGOLA.
AS MISSÕES
CRIADAS PELO
MISSIONÁRIO
ANTÓNIO BARROSO
ESTÃO À SUA
RESPONSABILIDADE
PASTORAL**

CONTAS EM DIA

A última relação de contas (até 30 de Novembro de 2012) está disponível no Boletim n.º 6, III Série. Desde 30 de Novembro de 2012, até 31 de Março de 2013 foram efectuadas as seguintes despesas: Escola Tipográfica das Missões. Execução e expedição do Boletim n.º 6, III Série: 698,62€.; Expediente, correio e consumíveis: 45,00€.

TOTAL: 743,62€.

Entretanto, foram recebidos os seguintes donativos para apoio à Causa da Canonização de D. António Barroso e, pagamento do respectivo Boletim: Dr. António José Gonçalves Barroso: 50,00€; Dr. Serafim Falcão: 20,00€; Dr. Manuel José C. Martins de Almeida: 40,00€; Dra. Maria Arminda Barroso Ferreira: 120,00€; Eng. Alberto Maia e Costa: 100,00 €; Fundação Voz Portucalense: 241,08€; Eng. António H. C. Martins de Almeida: 50,00 €; Sr. Hermenegildo Coelho Marques: 10,00€; Pe. José Vitorino Veloso 10,00€ ; Dra. Maria Adelaide d'Almeida de Azevedo Meireles: 10,00€.

TOTAL: 651,00€.

Do Sr. António José Barroso, da António Barroso Malhas, Lda. recebemos um donativo de 500,00€, para patrocínio do livro *D. António Barroso. Memórias de um Bispo Missionário*. Muito obrigado a todos.

NIB DA CONTA BANCÁRIA DA POSTULAÇÃO: 003505420001039580087